

Zilda Maria Beltrão Fraletti

Graduou-se em Psicologia, mas seguiu o caminho das artes. Morou em Londres onde aprofundou seus estudos sobre o tema e trabalha como marchande há 29 anos. Fundou em Curitiba a primeira galeria de arte contemporânea, que leva seu nome. Foi presidente do Núcleo Paranaense de Decoração e na Lush, divide sua experiência e impressões a respeito do desenvolvimento de novos artistas e da constante mutação que vive o mundo das artes plásticas. - zildafracetti@revistalush.com.br -



GRUPO ZERO

O Museu Oscar Niemeyer expõe até 3 de novembro a mostra ZERO. A exposição, montada no Olho, é inédita no Brasil e traz uma visão geral das obras de um grupo de artistas alemães que, no final dos anos 1950, propunha um novo conceito artístico com o intuito de proclamar o nascimento da arte do pós-guerra, um novo começo em termos artísticos e históricos que deixasse para trás os princípios estabelecidos pela arte até então e unisse artistas de várias nacionalidades. Junto com outros grupos artísticos e com artistas que trabalhavam individualmente na Itália, França, Bélgica e Holanda, ZERO superou fronteiras e revolucionou a arte muito além dos limites da Europa, com sua nova linguagem de forma e imagem. Os artistas contrapunham-se à subjetividade da arte informal e às pinturas gestuais do expressionismo abstrato. Queriam que sua arte transformasse e fosse o ponto de partida para uma nova sensibilização do ambiente ao redor. Cor, luz e movimento foram os pontos centrais de sua arte. Luz e cor puras apareciam como sinônimos de liberação do indivíduo, como se possibilitassem vivências espirituais e poderes cósmicos. ▶

Os artistas celebravam a calma, o silêncio, a luz e o vazio. Fizeram uso também das recentes conquistas tecnológicas, realizando experiências com novos materiais visando formas de expressão mais adequadas à realidade moderna. Não usavam exclusivamente tinta, mas também fogo, água, luz e fumaça além de materiais industrializados como pregos, lâminas de alumínio, vidro, espelhos e objetos luminosos. O movimento tem como data inicial 11 de abril de 1957, quando Heinz Mack e Otto Piene abriram as portas de seu atelier em Düsseldorf e proclamaram o início da arte que consideravam como adequada após as experiências opressivas da guerra. Desenvolveram uma nova linguagem visual e formal na qual a luz e o movimento passaram a ocupar o centro dos trabalhos.



*Otto Piene - Pintura a fumaça sobre vermelho I (1962)
-óleo e fumaça sobre tela - Kunstmuseum Krefeld*



*Günther Uecker - Objeto de cabide I (1960) - cabides
na tela na madeira, pintura branca -coleção particular*

A eles juntou-se posteriormente Günther Uecker. Realizavam exposições noturnas que podiam ser vistas uma única noite e que Otto Piene descrevia como "vernissages à noite, mas sem exposição a seguir". >

Havia na época poucas galerias em Düsseldorf interessadas em divulgar este tipo de arte; o galerista Alfred Schmela foi um precursor e em 1961 inaugurou a exposição "Zero. Edição, Exposição, Demonstração" e lançou a terceira e última edição da revista ZERO, que era dedicada a outros artistas de pensamento semelhante na Europa, como Yves Klein (ligado ao Novo Realismo em Paris), Lucio Fontana (em Milão) e ao grupo NUL (Holanda).

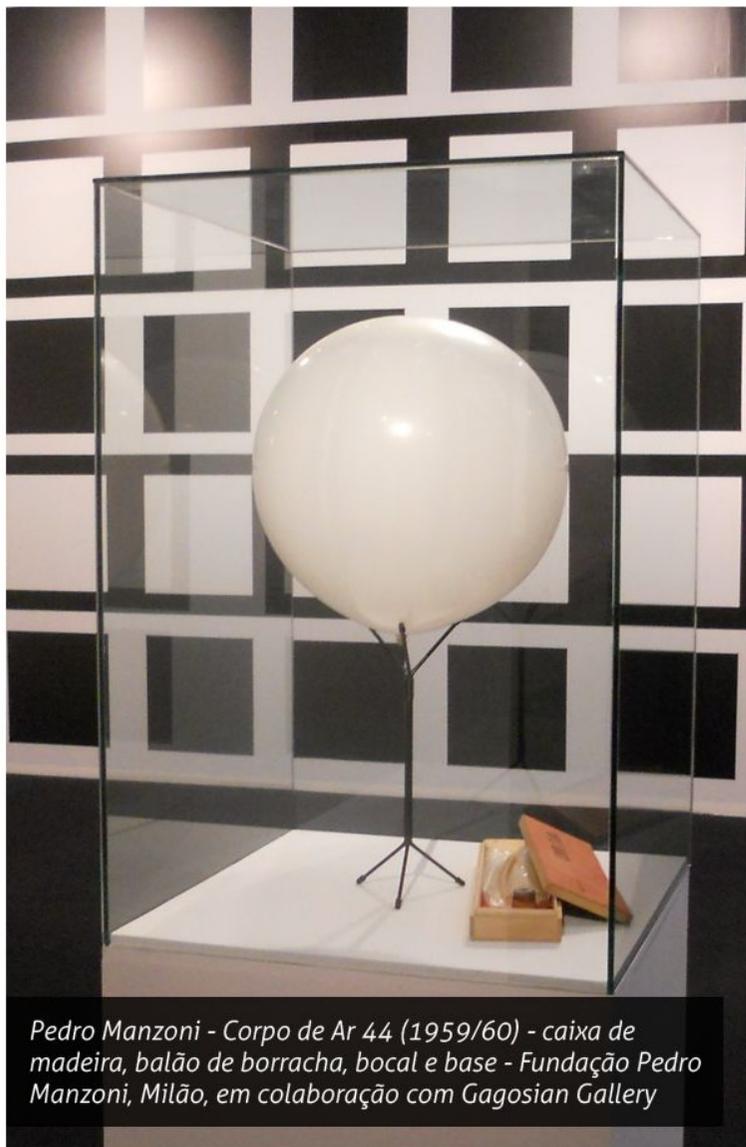


Yves Klein - Monocromia azul perfurada por fogo (1957) - pigmento puro e resina sintética sobre papel chamuscado - coleção particular



Lucio Fontana - Conceito Espacial, Natura n°3 e n° 17 (1959/60) - bronze - Fundação Lucio Fontana, Milão, Italia.

Mais de 40 artistas participaram da mostra e as ações ali propostas deram início ao que se tornou em menos de uma década um dos mais significativos movimentos de vanguarda do século XX. Através do uso de luz, estrutura, vibração e monocromia, o grupo ZERO ousou e inovou, com performances e happenings que se tornaram legendários. Até hoje, mais de 60 anos após a formação do grupo, o vocabulário formal do ZERO não perdeu nada de seu poder inicial e continua a ser um ponto de referência para sucessivas gerações de artistas, reverberando na arte contemporânea. ➤



Pedro Manzoni - Corpo de Ar 44 (1959/60) - caixa de madeira, balão de borracha, bocal e base - Fundação Pedro Manzoni, Milão, em colaboração com Gagosian Gallery



Jean Tinguely - Estabilidade Total P.K. nº4 - sete elementos com forma na frente de placa de madeira preta, motor elétrico - Kunstmuseum Krefeld

O grupo se dissolveu assim como havia se formado: em 1966 mais de mil pessoas se reuniram em uma festa, na qual um carro em chamas foi colocado em movimento em direção ao rio Reno e afundou na água. E o Grupo se declarou extinto, após 55 exposições na Europa e nos EUA. Em 2008 foi criada em Düsseldorf a Fundação Zero, com a doação de 40 trabalhos e arquivos dos artistas fundadores, e que tem a missão de preservar não só o período de existência do grupo mas também a história das influências e movimentos artísticos subsequentes. O Museu Oscar Niemeyer recriou com perfeição algumas das principais obras do grupo, em uma mostra imperdível que seguirá depois para a Fundação Iberê Camargo em Porto Alegre e para a Pinacoteca do Estado de São Paulo. ▶



Manifestação do grupo ZERO diante da Galerie Schmela, Hunsrückstraße, Düsseldorf, Alemanha, 5 de julho de 1961 - Foto: Peter E. Fischer - Cortesia: Archive of Artistic Photography of the Rhineland's Art Scene (AFORK) at Stiftung Museum Kunstpalast, Düsseldorf

A exposição, que faz parte do ano da Alemanha no Brasil, mostra obras de artistas da Europa e da América do Sul que revelam os ainda modernos modos de pensamento e de trabalho de ZERO. O foco está nas relações entre artistas europeus, como Yves Klein, Günther Uecker, Otto Piene e Hans Haacke e Lucio Fontana, e sul-americanos, como Jesús Rafael Soto e Gego (Venezuela), e Gyula Kosice (Argentina). Segundo a curadora Heike van den Valentyn, a exposição explicita as influências que artistas de ambos os continentes exerceram uns nos outros e amplia o diálogo em torno de artistas sul-americanos que se aproximam formalmente do grupo ZERO como é estabelecido ainda um paralelo entre a arte do ZERO e artistas brasileiros cujas obras dialogam com ele: Hércules Barsotti, Lygia Clark e Abraham Palatnik.

As obras se modificam de acordo com o movimento do espectador, nada é estático. Movimento e luz fazem com que novas experiências se criem a cada momento, como propunham os criadores do movimento. ▀



Jesús Rafael Soto - Espiral, (1955/60) - Edição MAT (1959/60) - serigrafia sobre papel, compensado e madeira, plexiglas, parafusos. Kunstmuseum Krefeld